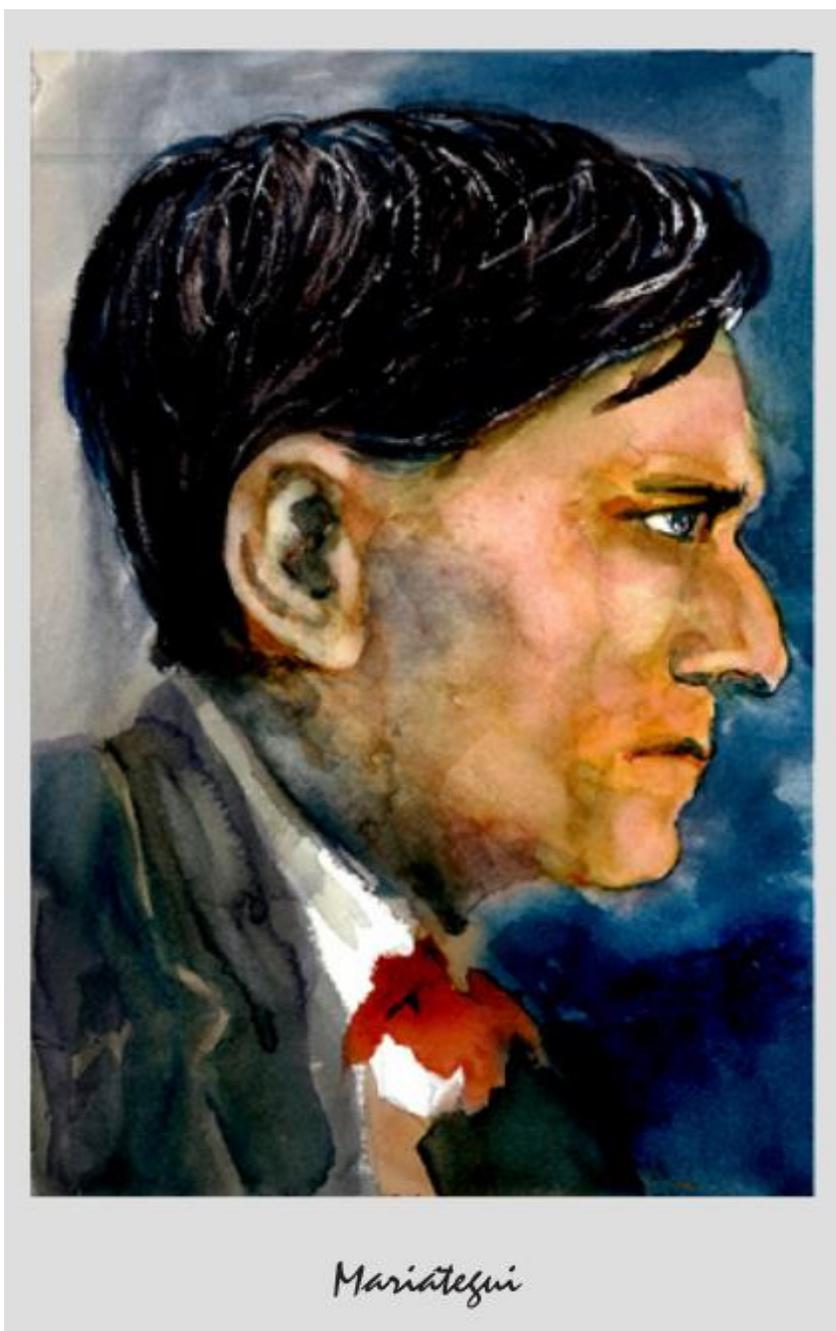


**A ATUALIDADE DE MARIÁTEGUI (OU DA CRÍTICA AO RACIONALISMO
INFELIZ): NOVOS VALORES PARA ALÉM DE UM NOVO MUNDO
ECONOMICAMENTE POSSÍVEL**

The Actuality of Mariátegui (or the critique of unfortunate rationalism): New values beyond a new economically possible world

Yuri **MARTINS FONTES** (Doutorando em História Econômica (FFLCH-USP), jornalista e professor universitário, com formação em filosofia e engenharia (USP), São Paulo, Brasil)



“Existem nas recordações de todo homem, coisas que ele só revela aos seus amigos. Há outras que ele não revela senão a si mesmo, e assim mesmo em segredo. Mas também há, finalmente, coisas que o homem tem medo de desvendar até a si próprio, e em cada homem honesto, acumula-se um número bastante considerável de coisas no gênero. E acontece até que: quanto mais honesto é um homem, mais coisas assim ele possui”

(Dostoiévski)¹

Tempos de crise, à semelhança das enfermidades, são momentos propícios à reflexão e autocrítica, à verificação senão de novos rumos, ao menos dos equívocos já expostos – que então se tornam mais claros.² Daí a pertinência de se revisitar a filosofia de José Carlos Mariátegui e sua original visão de *práxis*, especialmente no aspecto de negação dialética de alguns valores hegemônicos na cultura ocidental – intelectualismo, ceticismo, individualismo –, tendências que cooperam com a atual degeneração de uma civilização marcada pela desesperança, repressão, sedentarismo e medo. Estes modos de operar, se por um lado sustentam o sentido devastador tomado pela sociedade capitalista, por outro permeiam o dia-a-dia mesmo de quem se propõe a refutá-la – obstruindo assim a própria noção de *desenvolvimento humano*, conceito fundamental para a contestação comunista. Denunciar tais embustes impõe-se hoje como tarefa mais direta do que desvendar com justeza novos caminhos – diante de uma conjuntura ainda recente em que as perspectivas de superação dos problemas humanos mais básicos encontram-se nubladas pelo golpe do *ceticismo neoliberal* contra a *utopia*.³

Panorama histórico-filosófico

Considerado hoje um dos mais profundos pensadores marxistas americanos, o peruano Mariátegui exerceu influência sobre diversos movimentos sociais da atualidade – desde o MST, Via Campesina e Confederação das Nações Indígenas (Equador), às guerrilhas do Túpac Amaru e Sendero Luminoso, chegando mesmo às discussões zapatistas.⁴ Segundo o autor – cuja militância foi inerentemente teórica e prática –, “a faculdade de pensar a história” identifica-se com a “faculdade de fazê-la e criá-la”. Em sua principal obra, *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, pondera: “Meu pensamento e minha vida constituem uma única coisa, um único processo” – e afirma que deve ser valorizado aquele “capaz de traduzir em atos” o que até então “não pôde ser senão ideia”.⁵

Nos anos 1920, trabalhando como jornalista, ele se aproximou do movimento operário, apoiando greves e atormentando a classe dirigente limenha. O então presidente do Peru, casado com uma parente sua, força-o ao exílio na Europa, para onde ele se dirige, tendo vivido a maior parte do tempo na Itália, país em que “desposaria algumas ideias e uma mulher”. Aí se formou como marxista, influenciando-se também pelas contribuições teóricas da psicanálise e da filosofia *intuitiva* de Nietzsche – especialmente no tocante à fragilidade do *Homem*⁶ moderno (inserido na estrutura cultural burguesa-cristã).⁷ Tais ideias, como as de Marx, vieram a romper na base os pilares do *racionalismo positivista*, ou *vulgar* (visão perfeccionista do Modernismo), trazendo de volta o Homem à terra firme – e somando-se assim ao marxismo (em especial a partir de meados do século XX) em sua constatação dos descaminhos da civilização ocidental.⁸ Note-se que a contestação do suposto *progresso* ocidental (onde, equivocadamente, *o Homem é meio para a técnica*), remonta às críticas de J-J. Rousseau, que viveu o início da

industrialização (séc. XVIII) – como se vê em seu *Discurso sobre as ciências e as artes*. Sánchez Vázquez (no seu clássico *Filosofia da práxis*)⁹ adverte que o filósofo genebrino “antecipa ideias que só aparecerão, mais tarde, em Marx”: “Em face da beatice *racionalista burguesa* que parte do *Illuminismo*, Rousseau expõe o outro lado da medalha – a cultura [artifícios da civilização moderna] degrada, ‘levando o homem ao ponto em que agora o vemos’”.¹⁰

Também Mariátegui constrói crítica ao positivismo – em busca de atacar a influência *mecanicista* no marxismo – explanando que a verdade só existe na história (como Marx apreendera de Hegel):

A filosofia contemporânea varreu o medíocre edifício positivista. Esclareceu e demarcou os modestos limites da razão(...). É inútil(...) procurar uma verdade absoluta. A verdade de hoje não será a verdade de amanhã. Uma verdade é válida apenas para uma época. Contentemo-nos com uma verdade relativa.¹¹

Seu pensamento, no entanto, vai além de criticar o positivismo *ingênuo*. Com profundidade de análise, contrapõe-se também ao *neo-racionalismo* (ou “positivismo moderno”) – discurso utilitarista e cético que sucede o anterior. Recorde-se aqui que após o aporte das ideias de Marx e Nietzsche, entre outros (a desmontar a *razão vulgar*), se daria a difusão da *Teoria da Relatividade*; e então do velho positivismo não restariam senão escombros, sobre os quais se ergue esse *neo-racionalismo* – a louvar o pensamento técnico-científico redutível a *números* (precariedade *demonstrável* e supostamente *útil*), em detrimento da reflexão filosófica que lhe deveria servir de guia. Tal ideia hoje fornece as bases da seita neoliberal (a pregar o *pensamento único*), pautada pelo paradigma *economicista*, segundo o qual *quantidades absolutas* são a *medida* do progresso. Embora menos estrita, a *razão intelectual* remodelada mantém a soberba valorização do *objetivismo* – abstração irreal mesmo no campo das ciências exatas (como demonstrou Einstein), e ainda mais simplória diante da complexidade humana.¹² Este pragmatismo menospreza uma *razão subjetiva* que contemple também as potências humanas afetivas – sentimentos acerca do *justo* e do *belo* – em busca de uma “razão mais *ampla*”;¹³ ou seja, um conhecimento que enverede no campo do *incomensurável* – porém concebível –, próprio das disciplinas filosóficas *ética* e *estética*, reunificando a razão desmembrada teoricamente por Kant.¹⁴

O *intelectualismo* do século XX (*esclarecimento* neoiluminista que quer corromper a diversidade existencial em valores monetários) está infectado pela *covardia* diante do devir histórico; segundo Adorno e Horkheimer, seu “medo de pensar a si mesmo” não lhe permite constatar o “elemento destrutivo do progresso” – o qual “sob o controle dos *integralmente esclarecidos*” dirige “a sociedade em direção à barbárie”:

Se o *esclarecimento* não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino(...). A causa da recaída do esclarecimento(...) [está] no próprio esclarecimento *paralisado pelo temor à verdade*(...) [o que se manifesta como] a aversão à dúvida, o agir por interesse, a preguiça nas investigações pessoais, o fetichismo verbal, o deter-se em conhecimentos parciais(...). O que os homens [elite esclarecida] querem aprender da natureza é como empregá-la para *dominar* completamente a ela e aos homens(...). Para o *esclarecimento*, aquilo que não se reduz a números passa a ser ilusão: o *positivismo moderno* remete-o para a literatura.¹⁵

Quando regressa a Lima, Mariátegui já se declarava “comunista”; suas ideias logo foram acusadas de *europizadas* por nacionalistas peruanos, ao que ele contestaria: “Fiz na Europa o melhor de minha aprendizagem e acredito que não há salvação para a Indo-América sem a ciência e o pensamento europeus ou ocidentais”.¹⁶ Participa então da fundação do Partido Socialista Peruano – para o qual se opôs à denominação *comunista*, devido à apropriação do termo na época pela já burocratizada III Internacional, que então dominava o ideário socialista. Para o autor, a teoria marxista sobre as revoluções nacionais não podia ser limitada pela visão estagnada e pré-estabelecida moscovita – é antes um *método interpretativo* e uma *prática de vida* que deveriam ser construídos segundo a realidade de cada país. Assim, recusa a leitura (esta de fato “europizante”) dos revolucionários *dogmáticos*, que enxergam no capital um papel “civilizador”: “não existe no Peru, como jamais existiu, uma burguesia, com sentido nacional”.¹⁷ É preciso que se desenvolva uma perspectiva revolucionária com raízes nas próprias tradições e culturas populares.

Mariátegui se insere na tradição não-dogmática marxista que entende *desenvolvimento humano* de modo amplo – cuja essência é a possibilidade de realização *plena* do Homem, enquanto ser *teórico e prático, racional e instintivo*¹⁸ – um conceito distinto do mero progresso tecnológico desgovernado a que hoje se reduz essa noção. Ao sorver variadas fontes, sua filosofia não se perde num superficial ecletismo – mas é antes de tudo um pensamento de práxis que, justamente por ter espírito dialético, valoriza a riqueza dos novos temas que vêm a corroborar o ideal comunista.

As ciências humanas têm complexidade incomparavelmente maior do que as naturais; não é possível reduzir seu objeto de análise à camada tênue superficial a que chamamos *consciência*.¹⁹ Daí que seja preciso haver pontos de vista teóricos ampliados²⁰ – que abarquem desde a história, a economia, a psicologia e as demais ciências sociais, às disciplinas filosóficas e à literatura – em oposição à fragmentação das faculdades supostamente autônomas, compartimentadas artificialmente e alijadas conforme a tendência atual da *especialização* que domina a ciência técnico-mercadológica.²¹ Em *A ideologia alemã*, Marx acusa essa limitação, afirmando que em uma *sociedade comunista*, “cada um não tem um campo de atividade exclusivo, mas pode aperfeiçoar-se em todos os ramos que lhe agradem”.²²

A *filosofia da práxis* mariateguiana, situa-o assim como um dos marcos fundadores da *contemporaneidade* do pensamento filosófico americano – ao lado de poucos outros de sua época (como Caio Prado Jr. e o cubano Julio Antonio Mella).²³ Seu pensamento se constitui não apenas como *científico*, mas também como *filosófico*, pois que seus aportes são *universais* (por exemplo a *dominação* vista do ângulo do *dominado*), embora observados a partir de singularidades de sua própria cultura. Trata-se ainda de um pensamento *contemporâneo*, pois o marxismo é a “única filosofia de nossa época” – como defende J-P. Sartre, que se aprofundou no assunto em *Questão de método* – e qualquer outra filosofia que se poste em contrário, só poderá ser um retrocesso arcaico: “um argumento ‘anti-marxista’ não passa de um rejuvenescimento aparente de uma ideia pré-marxista”.²⁴ Esse tema foi explorado também por Mariátegui, Caio Prado, Florestan e vários outros pensadores – que entendem que a crítica marxista não deixará de estar postada no centro da preocupação filosófica enquanto não conquistarmos a superação dessa estrutura econômica de *escassez* que obstrui as possibilidades de *plenitude* humana.

Sete ensaios e uma tese

Dentre as principais obras do autodidata peruano, *Sete ensaios* (1928) – já traduzido para mais de 70 idiomas e cuja leitura é obrigatória em seu país – foi um choque não apenas no socialismo ortodoxo, mas também na esquerda revisionista da APRA (Aliança Popular Revolucionária Americana), movimento reformista influente no Peru, liderado por Haya de la Torre. O marxismo latino-americano estava então polarizado entre estas duas atitudes, como mostra Michael Löwy:²⁵ de um lado, aqueles que buscaram submeter o particular ao universal – os chamados *ortodoxos* –, e de outro, os *revisionistas*, que tentam exaltar as *especificidades* locais em prejuízo da *universalidade* da teoria. Deste modo, apesar do atual reconhecimento internacional de Mariátegui, a impopularidade de seu marxismo autônomo visto como “desvio ideológico” fez com que sua obra fosse por muito tempo segregada. Tardou décadas a chegar aos brasileiros, o que também se deveu a fatores como a marginalidade do Peru aos olhos de um Brasil sempre voltado à Europa, EUA e quando muito, Argentina e México. Somente em 1975, Florestan Fernandes conseguiria promover a publicação de *Sete ensaios* em nosso idioma. Na abertura deste livro, o autor afirma que para cada qual dos sete temas – *ensaios* engajados, expostos de modo ativista, direto, didático –, ele talvez quisera um livro autônomo. Mas a brevidade de sua vida, não o permitiria escrevê-los: vítima de uma infecção na perna, derivada de um golpe que recebera quando jovem, Mariátegui morre em 1930, não tendo ainda completado 36 anos.

Em *Sete ensaios* o autor tece um quadro do desenvolvimento histórico peruano, desde o Império Inca e a invasão espanhola, até seu próprio tempo. Embora de fato não se constituam propriamente em *teses* – como exige o academicismo *estricto* de plantão –, em seus textos Mariátegui envereda na questão central de como se é possível articular de modo dialético o desenvolvimento científico de origem *ocidental* (tradição *intelectual* europeia), com o desenvolvimento comunitário fraterno (típico das tradições indígenas *orientais*),²⁶ no intuito de conceber uma perspectiva socialista autêntica. Para tanto efetua análises históricas, econômicas, socioantropológicas, literárias e pedagógicas – e afinal, naturalmente acaba por desembocar no que se pode conceber como sua *tese*, a saber, que o comunismo na América não pode se constituir enquanto *cópia*, mas tem de ser uma “*criação heroica*” – na qual a comunidade camponesa autóctone, essencialmente solidária em suas relações sociais, torne-se a “base do Estado comunista contemporâneo”. Ele entende que os povos indígenas mantêm práticas cotidianas saudáveis que têm de ser preservadas, sem no entanto deixar de considerar o aporte científico fundamental que a cultura europeia legou ao mundo – e cujo mais alto plano, diz, “é a filosofia marxista”.

Ao contrário da opinião dos *ortodoxos* de então, Mariátegui parte de uma observação básica: o socialismo num país onde três quartos da população é indígena, não pode ser criado sem a participação efetiva dos índios. A libertação do índio peruano passa pela união dos povos indígenas, numa luta conjunta com camponeses e trabalhadores urbanos, na construção de um socialismo adequado às realidades históricas do Peru. Alerta ainda que o socialismo não pode ser confundido com o *indigenismo* dos *apristas* – ideia criada verticalmente por mestiços (crioulos) que, embora útil para condenar o latifundismo, tinha um cunho filantrópico de *caridade* que não servia à revolução.²⁷

O primeiro de seus *ensaios* é dedicado a dissecar os “esquemas da evolução econômica” de seu país, desde a economia colonial, à republicana, atentando ao problema essencial dos latifúndios e de uma economia basicamente agrária. Aí, apresenta sua concepção sobre o

comunismo primitivo em que viviam os incas (ou *quéchuas*), povo “disciplinado e simples”, e que dispunha de “bem-estar material”:

Todos os testemunhos históricos concordam na afirmação de que o povo incaico – trabalhador, disciplinado, panteísta e simples – vivia com bem-estar material(...). A organização coletivista, regida pelos incas, tinha amortecido o *impulso individualista* nos índios; mas havia desenvolvido neles, em proveito deste regime econômico, o hábito de uma humilde e religiosa obediência ao seu dever social(...). O trabalho coletivo e o esforço comum eram frutiferamente empregados nos fins sociais.²⁸

Seu segundo ensaio dirige-se a entender a questão indígena segundo um viés marxista:

O socialismo nos ensinou a colocar o problema indígena em novos termos; deixamos de considerá-lo abstratamente como um problema étnico ou moral, para reconhecê-lo concretamente como um problema social, econômico e político.

Na sequência, tratará do problema da terra, fazendo um levantamento histórico, desde o escravismo colonial, até a república dos latifúndios. Já os últimos quatro escritos são dedicados à crítica de temas paralelos, que têm como elo a *europização* cultural de seu país: a educação pública; a imposição do catolicismo; o centralismo e distanciamento de Lima da realidade peruana; e por fim, a literatura peruana. Sua proposição é a de que o *eurocentrismo* tornara-se predominante – mesmo no interior do marxismo – e que cabia agora, não negá-lo, mas incorporá-lo às peculiaridades históricas.

Análise do inconsciente como reforço à teoria da alienação

Além dos *Sete ensaios*, outra sua obra de máxima pertinência – e que não foi publicada ainda em português – é “*Defensa del marxismo*”, onde o autor trata de temas filosóficos, discutindo ideias de Kant, Hegel e Lênin, além de criticar alguns *revisionistas*, e chegando mesmo a analisar as contribuições de Freud e a psicologia contemporânea para a práxis marxista, na qual conclui que: “A interpretação econômica da história não passa de uma psicanálise generalizada do espírito social e político”.²⁹ Tanto o problema *econômico-material* colocado por Marx, como a *repressão sexual*,³⁰ apontada por Freud, ambos se remetem a necessidades psíquicas e físicas que são as mais básicas, e que por conseguinte não são excludentes, mas se reforçam – ao atentarem à alienação humana exterior (social) e interior (individual). Devem portanto atrair a investigação de uma efetiva práxis, que busque a superação do estágio *raso* no qual se afoga o Homem *civilizado*.³¹ Para Mariátegui, ambos propõe atenção a “deformações”, um observando a consciência, o outro a sociedade:

Os pensamentos freudiano e marxista aparentam-se em seus distintos domínios, *ainda que os discípulos de Marx e Freud não sejam ainda os mais propensos a entendê-lo e adverti-lo*, e não apenas pelo modo como ambos impõem uma ‘humilhação’, conforme diz Freud, às concepções que idealizam a humanidade, mas também pelo seu método diante dos problemas que abordam.³²

Outro pensador marxista a se dedicar a essa convergência é Eric Fromm,³³ que em *Meu encontro com Marx e Freud*, avalia que ambos valoraram em suas obras o problema da *alienação* – “embora a crítica de Marx seja de maior profundidade e alcance”. Marx concebe que “a exigência de abandonar ilusões sobre sua condição é a exigência de abandonar uma

condição que necessita de ilusões” – conforme citação de Fromm (que afirma ser esta uma “frase que poderia ter sido dita por Freud”). “Enquanto para Marx a verdade era uma arma para as modificações *sociais*, para Freud ela servia às modificações *individuais*”. O conhecimento que liberta deve atentar ao exterior e ao interior – às possibilidades sociais e às individuais.

Fromm entende que a psicanálise busca fazer com que seu paciente perceba “o caráter fictício de suas ideias conscientes”, tornando “consciente o inconsciente”, e assim, alcançando a “força necessária para transformar-se”. Marx e Freud veem o *conhecimento* como “meio essencial para *transformar*, respectivamente, a *sociedade* e o *indivíduo*”.³⁴

Assim como o pensamento freudiano, também o nietzscheano interessou a Mariátegui, em sua investigação *intuicionista* do *subterrâneo* humano – mergulho no inconsciente, no qual expõe sem pudor o Homem a si mesmo, a suas fraquezas, a suas máscaras.³⁵ Antônio Cândido enxerga como *complementares* as concepções de Marx e Nietzsche no tocante ao problema da *vida em sociedade* e da noção de Homem enquanto *ser inacabado*:

Se Marx ensaiava transmutar os valores sociais no que têm de coletivo, ele [Nietzsche] ensaiou uma transmutação do ângulo psicológico – do homem tomado como unidade de uma *espécie*, pela qual é decisivamente marcado, sem desconhecer, é claro, todo o equipamento de civilização que intervém no processo. São atitudes que se *completam*, pois não basta rejeitar a herança burguesa no nível da produção e das ideologias; é preciso pesquisar o *subsolo pessoal* do homem moderno tomado como indivíduo, revolvendo as convenções que a ele se incorporam.³⁶

Cândido afirma que embora haja ressalvas a algumas ideias nietzscheanas, sua “lição, longe de exaurida, pode servir de guia a muitos problemas do humanismo contemporâneo”: “O homem é um ser que deve ser ultrapassado”, diz ele [Nietzsche]; e o que propõe é ultrapassar constantemente o ser de conjuntura, que somos num dado momento, a fim de buscar *estados mais completos de humanização*”.³⁷ Verifique-se aqui a aproximação destes conceitos com os de Marx – sobre a plenitude humana e a necessária transcendência de *valores* –, segundo os quais o Homem deve “transformar a consciência”: “As grandes reformas apenas podem ser realizadas com o enfraquecimento da adoração estúpida que os povos sentem pelas velhas leis e costumes”.³⁸ Em paralelo, Nietzsche declara (em *Zaratustra*): “Destrocei tudo aquilo que algum dia meu coração venerara, derribei todos os marcos de fronteira e ídolos”.

Vale notar que Mariátegui reflete a respeito da *irracionalidade* antes de que Sartre desenvolvesse o tema e o tornasse popular no campo da *práxis* – ao elaborar na Europa pós-guerra teoria em que se apoia nas recentes conquistas da psicologia para reforçar o materialismo-histórico (denunciando a então aguda *crise da civilização europeia*). Esse episódio limite de irracionalidade da *razão esclarecida* – e que envergonhou o ser *humano* – influenciaria bastante o pensamento latino-americano, segundo afirma Leopoldo Zea.³⁹

Antes porém de Sartre, Wilhelm Reich (contemporâneo de Mariátegui), nas primeiras décadas do século XX, já formulara as bases de uma “síntese freudo-marxista” – conforme análise do historiador e sociólogo Daniel Guérin –, na qual afirma que a “Revolução” deve romper a *moral social arraigada e doente*, restaurando a força humana reprimida, *natural*, constituindo-se simultaneamente em uma *revolução sexual e social*:

Muito antes das inscrições nas paredes da Sorbonne, Reich havia percebido que(...) a repressão da sexualidade pela sociedade estropeia suas vítimas, as torna *dementes* ou *impotentes*, ao mesmo tempo que esbanja uma

enorme quantidade de energia psíquica (...) [e portanto] *paralisa as forças da revolta no oprimido*.⁴⁰

Os “sociólogos burgueses” chegaram a “falsificar a história para sustentar que a monogamia teria sempre existido, para dissimular que a poligamia e a promiscuidade sexual exerceram papel importante nas sociedades primitivas” – diz Reich, que percebe o *moralismo* sexual como ideológico e patológico.⁴¹

Também em contraposição à violenta repressão da cultura *ocidental* – a que nos acostumamos a enxergar como *normal* –, LéviStrauss coloca que os índios *nambiquaras* vivem um equilíbrio natural entre o trabalho e a sexualidade, cumprindo suas tarefas “quase sempre alegres e risonhos (...) [em um] clima erótico que impregna a vida no dia-a-dia”.⁴²

Por fim, voltemos-nos ao próprio Marx, que zomba da pretensa “quietude do conhecer” (noção idealista da “*Crítica crítica*”) – e percebe o amor como indomável e intrínseco ao Homem:

O amor é uma paixão e não há nada mais perigoso para a *Quietude do conhecer* do que a paixão (...) satanásem carne e osso; o amor, que é o primeiro a ensinar de verdade ao homem a crer no mundo objetivo fora dele (...) um objeto não apenas interior e esquecido no cérebro, mas manifesto e aberto aos sentidos.⁴³

Sua ironia denota precoce consciência do poder dos *instintos* sobre a razão – desequilibrando mesmo o mais *frio* cérebro racionalista: “O que a *Crítica crítica* quer combater não é apenas o amor, mas tudo o que é vivo, toda experiência sensual, toda experiência real”.⁴⁴ Mas as paixões não podem ser reduzidas a números – e daí a necessidade de que a filosofia da práxis supere este hábito intelectual *puritano*, abarcando os campos escuros do inconsciente, de forma a reforçar sua própria autonomia e ação transformadora. Todavia, nossa civilização débil e imediatista afasta-se cada vez mais deste caminho, mantendo um alienado reducionismo do real – a propagandear supostas virtudes do que é *seguro* e *previsível*.⁴⁵ Tal *ordem*, se fosse possível, certamente mais se assemelharia ao tédio que à felicidade.

Intelecto e sensibilidade: uma síntese dialética

Com sua abordagem abrangente, os conceitos mariateguianos abalaram o conservador *marxismo mecanicista* que prevalecia – motivo pelo qual sua obra acabou taxada de “ensaística” e “romântica” pela crítica socialista da época. À primeira destas críticas, ele responderia ressaltando o valor da escrita objetiva, revolucionária, empenhada com *sangue*, declarando que seu trabalho se desenvolve segundo a observação de Nietzsche, que não apreciava o autor envolvido na produção intencional e deliberada de um livro, mas sim aquele cujos pensamentos formavam um livro de forma espontânea e inadvertidamente.⁴⁶

É deste modo, paralelo à sua vida prática, que se concretiza sua ação teórica. Há em sua obra filosófica (ensaística e jornalística), um sentido antes de tudo militante, didático, formador de opinião – um pensamento inquieto que não se basta na abstração. Como ele mesmo analisaria, suas várias viagens – com os obstáculos diários que naturalmente o *novo* sempre acarreta⁴⁷ – contribuíram a essa formação, não apenas ampla, mas prática.

Diante da segunda crítica – a *racionalista* –, Mariátegui defenderia a importância da *utopia* numa existência mais plena, postando-se contra o *niilismo cansado*⁴⁸ do burguês cético

– pusilânime e desprovido de sonhos –, que só valoriza o que pode possuir, sorver de imediato e controlar, acovardando-se diante de quaisquer enfrentamentos com o desconhecido. A “*fé indígena*”, diz ele, foi anteriormente “fundada no misticismo” – deve agora se tornar ideológica, em contraste com a *desesperança* do Homem ocidental. A fé – paixão por um ideal – são características intrinsecamente revolucionárias, e não podem ser confundidas com o “velho romantismo”. “O romantismo do século XIX”, afirma, “foi essencialmente individualista”, cheio de “queixa egolátrica e narcisista”, mas no século XX, em contraste com a antiga concepção, “é, ao contrário, espontânea e logicamente socialista” – pois que o *novo romancista* “sente e ama universalmente”.⁴⁹

Mariátegui reafirma assim a crítica de José Ingenieros – em sua análise sobre o *Homem medíocre* –, contra a *limitação* racionalista: “os maiores espíritos são os que associam as luzes do intelecto às magnificências do coração”.⁵⁰ O filósofo argentino, a quem dedicou um de seus *retratos subversivos* (perfis político-literários), também via no “entusiasmo” e na “fé” valores cruciais à Revolução:

Sem entusiasmo de nada servem ideais bonitos, sem ousadia não se realizam atos honrosos(...). A juventude termina quando se apaga o entusiasmo... A inércia perante a vida é covardia. Não basta na vida pensar um ideal; é necessário aplicar todo o seu esforço em sua realização.⁵¹

Ainda em contraposição a esse *intelectualismo*, *razão sábia* é o termo com que Sérgio Rouanet denominaria a razão dialética, que contempla tanto o intelecto, quanto o sentimento – equilibrando-se, segundo ele, em meio à oposição extremista entre *positivismo* e *irracionalismo*. “A *razão sábia* tem consciência de que o homem é uma personalidade complexa, *sensível* e *racional* ao mesmo tempo”. Por conseguinte, é distinta da “arrogância positivista” (a qual “revoga o inconsciente e rejeita a influência da afetividade sobre o conhecimento”); e dista também do irracionalismo (“porque sabe que não há outro caminho para o conhecimento, senão a razão – nosso deus Logos, disse Freud, é pouco poderoso, mas é o único que temos”).⁵² Rouanet, acerca do valor dos *sentimentos*, cita Erasmo de Roterdã:

As paixões não são apenas pilotos que conduzem ao porto da sabedoria os que a ele se dirigem, no caminho da virtude, são agulhões e esporas que excitam a fazer o bem(...). Quem não fugiria com horror de um homem sem nenhuma paixão, inacessível ao amor e à piedade(...) que não perdoa nada, que não se engana nunca, que mede tudo com o esquadro(...) que não ama ninguém, que ousa zombar dos próprios deuses e tudo escarnece? Tal é o retrato do animal que passa por sábio perfeito.⁵³

Para Mariátegui, o marxismo, mais além de teoria, é sentimento, paixão – é a “fé na causa revolucionária”. Afirmar então a necessidade de uma visão ampliada de revolução nacional, propondo que a “revolução indo-americana” deve unir a “tradição de solidariedade camponesa”, com “a ciência e o pensamento europeus”. Enxerga a solução latino-americana na síntese *orientecidente*, afirmando que a comunidade indígena pode se converter na “célula do Estado socialista moderno” – sociedade evoluída que opere segundo uma nova conformação econômica e cultural distinta tanto da *ocidental*, como da *oriental* precedentes. Para tanto é preciso dar à luta indígena um caráter de “luta de classes”.⁵⁴

Em “O problema do índio” (um dos *Sete ensaios*), avalia ainda que a cultura latino-americana se situa em um ponto – relativamente privilegiado –, entre o *racionalismo* ocidental (cuja ciência subjuguou a natureza, mas também a degenerou), e o conhecimento *instintivo* dos

povos indígenas (melhor adaptados ao ambiente, cultura na qual a práxis é um gesto mais presente no cotidiano).⁵⁵ Isso se dá a partir da miscigenação étnica que acabou por brindar nossa cultura “mestiça” com elementos que equilibram as idiosincrasias *ocidental* e *oriental* (no caso, indígena e africana). De modo generalista pode-se pensar a dialética *ocidentalismo orientalismo* como a contraposição, respectivamente, das seguintes tendências de se agir: intelectual, cético, dado à abstração, marcado pelo individualismo, ávido pela engenhosidade técnica e ansioso pelo porvir; em oposição ao sentimental, esperançoso, sensualista, coletivista, adaptado à natureza que o rodeia e atento ao presente.

A admiração de Mariátegui pela cultura indígena não o impede de ter consciência de que o *restauracionismo* é impossível – reconhece que certas conquistas *ocidentais* são irreversíveis.⁵⁶ Sua crítica, logicamente não se posta contra o *progresso tecnológico*, mas contra *esse progresso* que está contra o Homem – à semelhança de Rousseau que há mais de dois séculos já havia percebido a necessidade de se superar o cientificismo da cultura industrial e urbana que “degrada e avilta o homem”, mas sem pretender com isso um regresso à ingenuidade primitiva do *Estado Natural*⁵⁷ (o que seria até uma impossibilidade lógica, pois a *história* não comporta *caminho de volta*):

Rousseau nos faz ver com essa crítica dos bens culturais [da civilização] que a cultura não é um fim em si, mas que deve estar a serviço do homem e que quando ela se esvazia desse conteúdo humano seus pretensos progressos nada mais são do que infelicidades para o homem.⁵⁸

Também Umberto Eco, nesta linha, observa que a “sociedade industrial” nos oprime e afeta “comportamentos psíquicos”, mas é *nela* em que vivemos, e, portanto, *é ela* que devemos examinar: “Para além das contradições entre uma sociedade capitalista e uma sociedade coletivista, apresenta-se hoje a realidade de uma sociedade industrial, que coloca problemas novos (no plano da alienação)”.⁵⁹

Decadência da civilização ocidental

Ocorre com Mariátegui – como com Marx e os grandes pensadores de forma geral – que sua obra veio à luz muito antes de seu tempo estar apto a enxergá-la; ainda hoje mentes *progressistas* de nossa sociedade não percebem o valor de questões por ele levantadas. A atual *cultura industrial* pautada pelo *consumo-desperdício* continua a se empenhar, antes de tudo, na produção excessiva com ênfase num *pseudo-conforto* que ilude e adoce. O caso do uso demasiado, por vezes dependente, do automóvel (mesmo por contestadores da *ordem* individualista) é emblemático.⁶⁰ Além deste vício, cabe notar a utilização banalizada também da eletricidade, e a assepsia tornada maníaca (o que mina as defesas corpóreas naturais). A sociedade capitalista põe mais importância na *segurança* e na *ordem* – apesar da limitação *vital* que isso produz –, do que na saúde psicossomática, na sustentabilidade energética e na própria liberdade (conceito delicado e talvez não sujeito a categorizações). Urge repensar a noção que hoje se tem de *desenvolvimento*. Conforme afirma Freud:

Os homens se orgulham de suas realizações(...). Contudo, parecem ter observado que a subjugação das forças da natureza(...) não os tornou mais felizes(...) que o poder sobre a natureza não constitui a única pré-condição da felicidade humana.⁶¹

Uma constatação explícita da decadência da civilização ocidental – e da necessidade de valorizarmos as tradições de sociedades *silvestres* (que se desenvolvem em *simbiose*, e não *contra* a natureza) – é o fato de que mesmo por entre as elites comandantes de tal processo, e cujos problemas econômicos estariam em tese resolvidos, o que se observa é a infelicidade disseminada em seres enfermiços, enfatiados, propriamente desgraçados. Vejam-se os alto-índices de depressão, insônia, ansiedade, neuroses e psicoses que afetam como nunca à população em geral – fruto da competição e do medo (à violência e à pauperização) criados por estas próprias *elites*. Ou mesmo atente-se à fragilidade física – derivada do sedentarismo e desequilíbrio entre atividades manuais e intelectuais; sintam-se o ar irrespirável que compete a todos, o lixo tóxico, venenos agrícolas que ingerimos, uma poluição em todos os níveis que nos afeta em todos os sentidos – o que pode ser verificado formalmente a partir de estudos que mostram, por exemplo, o aumento gritante dos casos de câncer nas últimas décadas.⁶² Avalie-se ainda a destruição acelerada do ambiente natural em que o Homem está inserido e da qual depende sua saúde e sobrevivência – momento crucial inclusive para que a práxis se abra às conquistas da crítica ecológica (em seu sistema de erudição que visa ser *totalizante*). Marx, há mais de um século já acusava esta necessidade, hoje ainda negligenciada. Em *O Capital*, afirma o valor da *regulação*, da *mediação* entre as atividades do Homem e a natureza que o cerca – diz que é necessária a *preservação* desta *mediação*, ou seja, a manutenção do metabolismo Homem-natureza em equilíbrio funcional:

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, *media, regula e controla seu metabolismo* com a natureza(...). O processo de trabalho é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a natureza, condição natural eterna da vida humana(...) Com a preponderância sempre crescente da população urbana que amontoa em grandes centros, a produção capitalista acumula, por um lado a força motriz histórica da sociedade, mas perturba por outro lado, o metabolismo entre o homem e a terra.⁶³

Não há mediação – a sociedade industrial chafurda no excesso. E assim, afastamo-nos mais e mais de nossas demandas psico-corpóreas (inclua-se aí a *necessidade da arte*, que para Marx é “esfera essencial da existência humana”, pois todo Homem é um *criador*, artista em potencial).⁶⁴ Somos seres dependentes de um *desenvolvimento* que não se pensa a si mesmo, de uma tecnologia escravizante que nos consome a breve existência em trabalhos vãos; que reduz as relações humanas e nos aliena de nossas potencialidades mais caras, tolhendo-nos em grandes proporções as possibilidades de *felicidade*. Tudo em prol de um *progresso* material que *teoricamente* levaria a um aperfeiçoamento (hegeliano ou preguiçoso) da vida cotidiana – dos que creem poder se bastar nas ideias –, mas que na prática serve somente ao orgulho dos *tristes especialistas*. Após passar quase uma década dentre índios brasileiros, Levi-Strauss afirma que “nunca presenciou uma briga, ou gesto grosseiro” entre eles.⁶⁵ Oxalá fosse tal questão que intrigasse os entendidos do *intelecto* (e Mariátegui certamente apontaria isso como premente). Mas para resolvê-la, há que se romperem valores – mesmo que estejam plantados nos abismos do espírito contemporâneo – fazendo da teoria uma prática habitual. Ainda que para tanto seja preciso o uso da força, como nos mostra o exemplo de vários povos em processos revolucionários pelo mundo (nesse “Sertão que é mundo inteiro” – diz Guimarães Rosa – “Deus mesmo, se vier, que venha armado”).⁶⁶

É no mínimo pouco refletida a atual desunião das esquerdas que, na falta de perspectiva revolucionária imediata, orgulham-se em acusar defeitos de lutas distintas das suas. Sem recorrer à psicologia, seria impossível entender por que alguns de nossos melhores intelectuais, de nossos mais honestos partidos, dedicam esforços vorazes não para analisar vicissitudes e virtudes, mas para desclassificar ou proclamar apenas falhas nas maiores revoluções americanas *reais* hoje vigentes – como é o caso do processo revolucionário cubano (que ainda se debate por consolidar o poder), ou do colombiano e mexicano (cujas guerrilhas resistem sólidas, em meio às adversidades naturais da selva, num estado de luta existencial cotidiana, que jamais poderia ser contemplado de dentro de uma biblioteca).⁶⁷

Ao invés de se perder grande parte de energia crítica apontando defeitos nas ações de camaradas, caberia antes o olhar para dentro de si: aos motivos mais íntimos da própria intransigência e preconceito;⁶⁸ observar com cuidado as próprias atitudes práticas (cotidianas ou não); compreender que as condições e os modos de luta são diversos – conforme bem demonstra Mariátegui – segundo a idiosincrasia de cada povo e a peculiaridade de cada indivíduo que toma parte no embate. E aos *estudiosos da verdade absoluta* que insistem em *medir certa quantidade socialista* da alma, seria interessante meditar sobre a seguinte declaração de um jovem guerrilheiro das montanhas amazônicas: “Não sei se me posso dizer comunista; sou um camponês e não tive estudo pra isso... Sei só que eu precisava tentar algo pra mudar a situação de miséria em que eu vivia... e minha família”.⁶⁹

Um novo e forte movimento comunista precisa empreender uma revolução de *costumes*, entender que não basta se tomarem *bens* aos burgueses e seguir com a sua produção – pois na realidade o fato é que já não se precisa *desta produção*, que ela se tornou excessiva, nociva à saúde, à arte, ao meio ambiente, ao amor, às potências humanas – enfim, à harmonia que deve reger uma sociedade onde se deseje proporcionar ao indivíduo a igualdade material básica que torne possível o desenvolvimento de diferenças.⁷⁰ É afinal o próprio Marx a ensinar que a beleza está nas diferenças, e que somente uma sociedade comunista pode proporcionar aos seus indivíduos esta liberdade de ousar, de criar o novo, de *indivíduoar-se*. Mas cabe antes alcançar as alturas *cotidianamente práticas* de nossa crítica teórica. E que fale o poeta socialista:

Só viverá o homem novo, se os que por ele sofremos formos capazes de ser semente e flor deste homem.

(...)

Não somos nem melhores, nem piores. Somos iguais. Melhor é a nossa causa... fomos sempre e somente como os outros, e muitas vezes como os piores dos outros.

(Thiago de Mello)⁷¹

Notas

1. Dostoiévski, na fala de seu personagem principal, em *Memórias do Subsolo* (p.52). Nietzsche – autor que influenciaria o marxismo de Mariátegui –, ao ler este livro, escreve a um amigo: “A voz do sangue fez-se ouvir de imediato e minha alegria não teve limites” – conforme citação de Boris Schnaiderman, no prefácio à sua tradução da obra (p.9). Em seguida, cita também Górkki (p.10): “Para mim todo Nietzsche está em *Memórias do Subsolo* (...). Nietzsche é mais grosseiro que Dostoiévski”.

2. Walter Benjamin propõe que as *verdades* devem ser buscadas justamente na dialética dos extremos, e não nos fatos medianos – morada do que é medíocre; para que possamos compreender os fenômenos, é preciso antes

perceber os seus extremos e isolá-los. Ver Benjamin, *Origem do Drama Barroco Alemão*, e Olgária Matos, *O Iluminismo visionário*.

3. Pois não há uma *Verdade*, mas *verdades* que se realizam na existência, e sua percepção exige amadurecimento histórico e sensibilidade para captar sutilezas frequentemente desprezadas por generalizações ansiosas.

4. Atualmente há várias teses acadêmicas sobre Mariátegui também no Brasil; e o MST ministra inclusive cursos sobre o autor.

5. Mariátegui, *Sete ensaios* (p.31; p.251).

6. Optou-se por grafar o termo “Homem” com maiúscula, sempre que se referir à “humanidade”. No entanto, nas citações respeitou-se a forma original.

7. Ver a respeito da crise cultural *ocidental*, Freud, *O mal estar na civilização*; e sobre a contribuição ao socialismo da filosofia de Nietzsche, o excelente ensaio de Antônio Candido, *O portador* (em Nietzsche, *Obras incompletas*).

8. Além das ideias citadas, cabe notar a contribuição das teorias de Darwin e Einstein, entre outros, ao sepultamento do intelectualismo *positivista*.

9. “Filosofia da práxis”, como “materialismo histórico”, são designações dadas à filosofia marxista. Em *Filosofia da práxis* (p.50), Adolfo Sanchez Vázquez define a *práxis* marxista como uma “teoria condicionada historicamente e fundamentada cientificamente” – atentando sobre a necessidade de que o pensamento una a teoria à prática, que seja totalizante, transformador, que transponha as especialidades que reduzem o indivíduo contemporâneo, permitindo ao Homem desenvolver com plenitude suas tantas potências: psíquicas e físicas, racionais e instintivas, laborais e criativas.

10. Obra citada (p.33).

11. Mariátegui no artigo “A alma matinal”, publicado na revista *Amauta* (Peru).

12. Sendo desesperançado, o *neo-racional* tende a ser conservador, ou na melhor das hipóteses, sua crítica é cética (e portanto passiva). O cientista valorizado na sociedade burguesa, se já não tem mais a pretensão positivista ingênua de *descrever* o mundo, quer ainda reduzir o pensamento à produção de pequenas verdades técnico-utilitárias mensuráveis (impensadas e des governadas), que garantem a manutenção de privilégios econômicos – embora degradem generalizadamente corpo e espírito. Há assim um intuito pragmático imediatista que empobrece a própria *razão*, e deste modo serve ao capitalismo –, apesar de sua influência em parcela considerável de socialistas que não lograram suplantar os limites estreitos da *razão intelectual*, mesmo após a constatação de que não existe *ciência exata*, mas antes *ciência probabilística*. Sobre os limites do conhecimento objetivo, remeter-se a *O Princípio da Relatividade*, de Einstein, Lorentz e Minkowski (bem como à demonstração do Princípio da Incerteza, de Heisenberg).

13. Conforme Sérgio Rouanet, no artigo “Razão e Paixão” – em *Os sentidos da paixão* (S. Cardoso; M. Chauí e outros).

14. Sobre a reunificação da razão, ver Rouanet, obra citada (p.462). Conforme Schelling, “a arte entra em ação quando o saber desampara os homens” – em *Dialética do Esclarecimento* (p.32).

15. *Dialética do Esclarecimento* (pp.13-23). Grifos meus. “O industrialismo coisifica as almas” (idem, p.40).

16. *Sete ensaios* (p.32).

17. Idem (p.55). O marxismo mecanicista acreditava na rígida noção de etapas a serem atravessadas pelas revoluções nacionais (o *etapismo*: feudalismo-capitalismo-socialismo) – o que será contestado por Mariátegui.

18. Quanto ao desenvolvimento pleno *totalizante* das potências humanas – não

apenas o conhecimento racional, mas também o irracional –, ver a obra *Tipos Psicológicos*, do neofreudiano C. G. Jung, em que o autor sistematiza orientações características humanas, a partir das concepções autóctones de diversas culturas antigas (como a dos gregos, chineses, brâmanes, indígenas americanos e africanos), bem como

de tendências expressas na literatura (Platão, Goethe, Nietzsche, etc). Segundo sua investigação dialética das tendências psíquicas, num eixo racional movem-se as razões *intelectual* e *sentimental*; em outro eixo, irracional (ou instintivo), contrapõe-se e se complementam a sensualidade (sentidos presentes) e a intuição (faculdade criadora perceptiva do devir).

19. Daí a necessidade de se estudar a psicologia em sua incursão à profundidade do *inconsciente*.
20. Como mais tarde seria defendido também pelo movimento dos *Annales*.
21. A esse respeito, Caio Prado (*Notas introdutórias*) diz que a ciência é vista de forma “deformada”, que o método usado pelos cientistas – cada vez mais especializados e fechados dentro dos limites de suas próprias disciplinas, “se inspira numa concepção atomística da conceituação, e nada têm a ver com a verdadeira natureza do conhecimento” (pp.72-73). Nota-se aqui influência da Psicologia da Forma (*Gestalt*) na concepção do autor.
22. *Obra citada* (p.38).
23. Mella foi também pioneiro em negar o caráter *nacional* às burguesias locais, além de ter sido leitor de Nietzsche (ver *Homens da Revolução*).
24. *Obra citada* (p.12).
25. Na introdução à coletânea *O marxismo na América Latina*.
26. Mariátegui usa o termo oriental em sentido similar ao que Edward Said mais tarde irá desenvolver em *Orientalismo* – ou seja, o *não-ocidental*, os *outros*, os *diferentes*.
27. Observe-se aqui a aproximação da crítica marxista com a nietzscheana – que se volta a desmascarar as intenções da *caridade* e a falsa moral do *bom burguês* filantropo.
28. *Sete ensaios* (p.33-34). Grifo meu.
29. Mariátegui, “*Defensa del marxismo*” (p.40). Tradução própria.
30. Sobre o tema da *repressão civilizatória*, Reuben Osborn, em seus “Estudos dialéticos” sobre o marxismo e a teoria freudiana, entende também que: “Freud e Engels possuíam ideias semelhantes a respeito da sociedade primitiva: os homens tornaram-se animais trabalhadores com a repressão de seus impulsos sexuais individuais, uma vez que o trabalho, exigido pela natureza para a sobrevivência humana, incluía uma cooperação social e a repressão dos desejos” – em Johnston, *Pensamento Político de Freud* (p.101).
31. A imagem poética foi emprestada do *Zaratustra*, de Nietzsche, ao criticar a vida rasa do Homem típico da civilização burguesa-cristã. Este filósofo, que se autointitula o “primeiro psicólogo”, é considerado um dos precursores de várias das ideias que seriam depois sistematizadas por Freud.
32. Em “*Defensa del marxismo*” (p.39-40). Grifo meu.
33. Em delicada crítica ética e sócio-psicológica à sociedade contemporânea (onde os seres são “indiferentes a si mesmos”), seu marxismo se volta às contribuições da psicologia freudiana e também à sabedoria de filosofias orientais (como o Zen e o Tao), entre outros clássicos da filosofia.
34. Trechos extraídos de *Meu encontro com Marx e Freud* (p.17-21). Grifos meus.

35. Este “movimento *intuicionista*” chamado “filosofia da vida” (tendo como fundadores Schopenhauer e Nietzsche) busca a “racionalização do irracional” (segundo a expressão de Karl Jaspers) – conforme Mário da Silva – prefácio ao *Zarathustra* (p.7). Ele analisa que, como Marx, Nietzsche também tem como central a questão da alienação: ambos lutam para “libertar o homem da *alienação* que o defrauda da naturalidade do seu ser” – para um o “capitalismo”, para o outro a moralidade da “religião”.
36. Antônio Cândido, posfácio às “Obras incompletas” de Nietzsche (p.413). Grifos meus.
37. Idem (p. 411). Grifos meus.
38. Karl Marx cita Helvétius, em “A Crítica crítica absoluta” – em Marx e Engels, *A sagrada família* (p.152).
39. Leopoldo Zea, *A filosofia americana como filosofia* (p.96).
40. *Um ensaio sobre a Revolução Sexual* (p.16, grifo meu). Acerca do assunto, ver as principais obras de Reich, especialmente: *Psicologia de massas do fascismo*, *A revolução sexual*, *A função do orgasmo* e *Irrupção da moral sexual repressiva*.
41. Idem (p.17) – citação de *A irrupção da moral sexual repressiva* (Reich).
42. Lévi-Strauss, *Tristes trópicos* (pp.265 e 269).
43. “O amor” (K. Marx), em *A sagrada família* (pp.31-32). Marx se expressa sobre o tema também em muitas cartas e poesias de amor dirigidas a sua mulher e companheira Jenny.
44. Idem (p.34).
45. Um Estado coercitivo busca controlar o indivíduo dentro de um plano de sociabilidade padronizada pelo medíocre (amparado pela imprensa empresarial a promover diariamente a pasteurização das ideias). Daí que costuma ser reprimido pelas autoridades o uso de substâncias catalisadoras que induzem a mente à amplidão dos estados inconscientes – não sujeitos à ordenação *racional* (mas apenas a uma sutil *intuição*). Tal forma de autoconhecimento foi utilizada por quase todas as sociedades ao longo da história, conforme demonstram estudos históricos e antropológicos – dentre os quais as pesquisas de John Cashman, historiador da ciência, acerca dos alucinógenos. Por outro lado, são livres e até estimuladas as drogas que aliviam tensões e deprimem o sistema nervoso – limitando as capacidades de sentir e pensar; e mais ainda, aquelas que favorecem a extroversão e alegria (embora efêmera), permitindo que se acesse subitamente, em meio à tensão cotidiana, estágios de felicidade que nos são sistematicamente subtraídos – em consequência desse prazer *fácil*, seu uso tende ao excesso, o que leva ao desgaste físico e mental.
46. *Sete ensaios* (p.31).
47. Daí a tendência – vã – do *racionalismo* em querer controlar, ordenar, domesticar todo o *devir*: anular as surpresas do novo. Sobre a relação entre *filosofia* e viagem, remeter-se à documentação do curso de extensão do IEBUSP em homenagem a Octávio Ianni: “Viagem, viajantes, viajores” (2007).
48. Segundo Nietzsche, essa é a prática daquele que apenas percebe a necessidade de superar o que é obsoleto, sem colocar a mão na massa e “destruí-lo”.
49. *Sete ensaios* (p.297).
50. *O Homem medíocre* (p.123).
51. Em Mariátegui, *Do sonho às coisas: retratos subversivos*. Ingenieros também foi apreciador de Nietzsche, além de ter sido um dos primeiros americanos a investigar o processo da *Revolução Russa* (em seu livro *Os novos tempos*, que segundo o peruano, “honra a inteligência ibero-americana”).
52. S. Rouanet, artigo citado (p.461).
53. Idem (p.464), em citação do clássico de Erasmo, *Elogio à Loucura*.
54. Conforme Montoya Rojas, no prólogo à edição brasileira dos *Sete ensaios*.
55. Nesta mesma direção, Caio Prado nota positivamente que – contrariamente à suposição de que o índio é um povo indolente – no “extremo Norte do Brasil”, onde os povos nativos ainda predominam, “o indígena mais adaptado ao meio é bastante eficiente [em suas atividades] – em *Formação do Brasil contemporâneo* (p.107).
56. Löwy, *El marxismo en América Latina* (p.97).

57. Sobre o tema ver especialmente, *Do Contrato Social*.
58. Sánchez Vázquez, *Filosofia da práxis* (p.33).
59. *Obra aberta* (p.234-235).
60. Além da auto-segregação crônica e do individualismo como hábito que acarreta o uso indiscriminado do carro particular (caixa tecnológica isolada e indiferente), segundo o ministério do Meio Ambiente do Brasil, em 2009 as emissões de monóxido de carbono por parte de automóveis corresponderam a 83% do total (bem superior à Indústria), enquanto aos ônibus coube apenas 2%. E contraditoriamente, parcela significativa das esquerdas brasileiras continua reivindicando menores tarifas em pedágios, antes de protestar contra o monopólio das empresas rodoviárias e o desmonte das ferrovias (do neoliberal FHC).
61. *O mal-estar na civilização*, S. Freud (p.149). O grifo é do próprio Freud.
62. Não cabe aqui enveredar nesta discussão, posto que todos estes problemas são amplamente conhecidos e divulgados há tempos por meio de inúmeros relatórios científicos (inclusive da ONU).
63. Livro I, Cap. V (pp.142-146) e Livro II, Cap. XIII (p.100).
64. Conforme afirma S. Vázquez, em *As ideias estéticas de Marx* (p.155). Ele diz ainda: “a oposição entre arte e capitalismo é uma oposição radical, que tem por base a contradição, descoberta por Marx em 1844, entre o capitalismo e o homem” (p.283). Ver a respeito: “A ideologia em geral”, em *A ideologia alemã*, e os *Manuscritos econômico-filosóficos*. Observe-se aqui que sendo o Homem um ser essencialmente criador, em seu desejo cotidiano pela criação (busca do “novo”) pode-se identificar um embrião da atitude consumista atual – pois em meros serviços utilitários e fastidiosamente repetitivos não se permite o exercício da *criatividade*; deste modo, com uma existência esvaizada de sentido, tenta-se encontrar a satisfação revigorante da *novidade* – ainda que fugaz – no consumo de um novo objeto onde, ao menos, *dispersa-se* a atenção. O ato de *consumir* é também forma de *se convencer* a si mesmo do suposto *poder* (ou *vantagem*) de se ter uma ocupação diária estúpida que explora e consome os mais vigorosos anos da vida.
65. Em entrevista, no documentário “Trópicos da saudade: Claude Lévi-Strauss e a Amazônia”.
66. Em *Grande Sertão: veredas* – obra prima da filosofia *não-categórica e intuitiva* contemporânea.
67. Apesar da explícita necessidade de ações de resistência (e de enfrentamento), hoje no Brasil, dentre os partidos legalizados, constata-se que apenas um (o PCB) apoia publicamente as vizinhas grandes lutas armadas revolucionárias da América – as guerrilhas colombianas (FARC e ELN) e a mexicana (EZLN). Conforme se tentou expor neste artigo, isso parece denunciar excesso de *intelectualismo* por parte dos socialistas contemporâneos, à revelia de *esperança e solidariedade*; bem como uma falta de compreensão de que cada povo, mediante sua realidade, deve construir sua própria alternativa de combate, não cabendo regras universais ou receitas – mas o que se necessita sim é que os lutadores se apoiem entre si, sem espaço a mesquinhas divergências de método.
68. Preconceito “clássico” é aquele que brada contra o suposto *narcotráfico* que passaria armas a movimentos revolucionários – como se as transações comerciais capitalistas *legais* fossem menos desonestas e degradantes (sem se entrar no mérito das exceções de um estado de guerra).
69. Entrevista que me foi concedida por membro das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, em 2001, na cidade de San Vicente de Caguán, então controlada pela guerrilha.
70. O leitor atento há de ter reparado que hoje *todos somos iguais* – ou ao menos é esse o objetivo generalizado dos considerados *sãos* ou *normais*.
71. Poeta e militante amazonense, desterrado durante a ditadura civil-militar (em *Poesia comprometida com a minha e a tua vida*).

Bibliografia

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

CÂNDIDO de Mello e Souza, A. “O Portador” (Posfácio). In: NIETZSCHE, F. W. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2000. FREUD, Sigmund. “O mal-estar na civilização”. In: *Freud* (Coleção “Os Pensadores”). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

FROMM, E. *Meu encontro com Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

GUERIN, Daniel. *Um ensaio sobre a Revolução Sexual*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

INGENIEROS, José. *El Hombre mediocre*. Buenos Aires: L. J. Rosso, 1917.

JOHNSTON, T. *Pensamento político de Freud*. Rio de Janeiro: Editora “O Cruzeiro”, 1969.

LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LÖWY, Michael (org). *El marxismo en América Latina*. México, Era, 1980.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Defensa del marxismo*. Lima: La Haine, sd.

_____. *Do sonho às coisas: retratos subversivos*. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo: Expressão Popular / Clacso, 2008.

_____. “El problema indígena en América”. In: LÖWY, M. (org). *El Marxismo en América Latina*. México: Era, 1980.

MARX, K. *Manuscritos: economía y filosofía*. Madri: Alianza Editorial, 1984.

_____. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MARX, K. ; Engels, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. *A sagrada família*. São Paulo: Boitempo, 2003.

NIETZSCHE, F. W. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

PRADO Júnior, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo, Brasiliense: 2000.

_____. *Notas introdutórias à lógica dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1968.

ROUSSEAU, J-J. “Discurso sobre as ciências e as artes”. In: *Rousseau* (Coleção “Os Pensadores”). Porto Alegre/São Paulo , Globo/Abril Cultural, 1973.

SARTRE, J-P. *Questão de método*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1966.

SECCO, L. *Caio Prado Júnior: o sentido da revolução*. São Paulo: Boitempo, 2008.

VÁZQUEZ, A. Sánchez. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

ZEA, Leopoldo. *A filosofia americana como filosofia*. São Paulo: Pensieri, 1994.